

# Por enquanto, não há necessidade de intervenção, diz Ilan Goldfajn

*'BC vai agir se a realidade exigir', garante o diretor de Política Monetária*

SUELY CALDAS

**R**IO – O Banco Central está atento à volatilidade do câmbio dos papéis brasileiros no exterior e da gangorra do risco Brasil, sabe que são variáveis vulneráveis ao quadro político-eleitoral e não permitirá, de forma alguma, que a situação econômica fuja do controle. Considera, porém, que, por enquanto, não há necessidade de intervenção para acalmar o mercado ou reverter esses indicadores. A avaliação foi feita ontem pelo diretor de Política Monetária do BC, Ilan Goldfajn, para quem “o BC só intervirá no câmbio em situação extrema, porque esta é uma decisão limite”.

Diferentemente do que avaliam alguns especialistas, em momentos de nervosismo do mercado, “o câmbio é um instrumento útil, porque amortece o choque”. É o efeito perverso do aumento da taxa cambial sobre a inflação é relativo, porque “nunca é 1 para 1”, ameniza. “É claro que o BC

não vai deixar rolar. Vai agir, como sempre fez, se a realidade exigir. Porém, observando um certo intervalo de tempo. Neste momento cabe acompanhar, deixar as variáveis de mercado agirem, sempre com o foco nas metas de inflação. O momento é de observação, porque a trajetória ainda não está fora do caminho.”

A cinco dias da próxima reunião do Copom (Comitê de Política Monetária), que vai decidir sobre a taxa de juros Selic, o diretor do BC não quer falar de juros, mas diz que o BC está de olho no nível da atividade econômica, na inflação e continuará res-

pondendo com instrumentos de políticas fiscal e monetária.

“Não há nenhum coelho para tirar da cartola. Se for preciso, vamos usar instrumentos que já usamos no passado”,

**'N**ESTE  
MOMENTO,  
CABE  
ACOMPANHAR'

responde, sobre o arsenal que o BC poderá lançar mão ao longo deste ano para inibir previsíveis turbulências no mercado, decorrentes da incerteza eleitoral. No ano passado, o BC usou intervenções diárias de US\$ 50 milhões no mercado de câmbio como arma para conter a desvalorização do real ante o dólar, por causa da descontrolada situação econômica da Argentina.